

**HANS VAHINGER – UM CONVITE AO SISTEMA FICCIONAL DA FILOSOFIA
DO “COMO SE”**

**HANS VAHINGER - AN INVITATION TO FICTIONAL SYSTEM OF
PHILOSOPHY OF “AS IF”**

Jackson Passos Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de esboçar um estudo sobre a obra de Hans Vaihinger, intitulada “A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista”, contextualizando o momento histórico de sua publicação, analisando a teoria ficcional criada pelo autor, a questão semântica e a sua utilização pelas diversas áreas do conhecimento. Pretende-se analisar a teoria do autor sob a luz das referências filosóficas que influenciaram o pensamento, considerando a trajetória de sua formação, as leituras e interfaces sociais e teóricas do período, sobretudo do pensamento alemão. Apresenta-se o texto como um convite para a leitura integral da obra.

Palavras-chaves: Vaihinger; Filosofia; Ficcionalismo; Como se

¹ Doutorando em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP; Mestre em Direitos Difusos e Coletivos pela Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES; Coordenador e Professor do Curso de Direito da Universidade Nove de Julho – UNINOVE.

ABSTRACT

This article aims to outline a study on the work of Hans Vaihinger entitled "The Philosophy of As If: system of theoretical fictions, and religious practices of humankind, on the basis of an idealistic positivism", contextualizing the historical moment of its publication, analyzing fictional theory created by the author, the semantics and their use by different areas of knowledge. It is intended to analyze the author's theory in the light of philosophical references that influenced thinking, considering the history of its formation, the social and theoretical readings and interfaces of the period, especially of German thought. Presents the text as an invitation for full reading of the work.

Keywords: Vaihinger; Philosophy; Fictionalism; As If

I - INTRODUÇÃO

A leitura da obra “A filosofia do como se” propõe um convite que se fundamenta no descompromisso com a realidade para o entendimento dessa própria realidade. É ingressar no mundo da ficção para alcançar respostas para situações cotidianas ou ao menos tentar compreender a razão dessas situações.

É preciso conhecer o autor e a contextualização política de sua época, para que possamos observar a finalidade da filosofia do *como se*, e, principalmente para que seja possível a viabilização de sua aplicação como pretensa resposta aos dilemas do início do século XX. , sobretudo como uma via de explicação da realidade de transformação da sociedade Alemã e as reflexões filosóficas predominantes do período.

Considerando a necessidade humana da sobrevivência, Vaihinger observa que é a partir da ficção, do *como se*, que se criam ideais, valores, objetivos, a moral e até mesmo as imagens divinas, eleva a ficção ao principal propulsor da auto compreensão do pensamento.

A intenção de Vaihinger não é afastar a ficção dos conceitos de ilusão ou de mentiras, mas sim entender como a ficção opera no nosso acesso ao real.

Vaihinger propõe com sua teoria a análise do real por meio da ficção, a realidade é aquela percebida como se real, numa sociedade que a realidade escancara as diferenças sociais e impõe uma nova condição social-política-econômica e cultural. Aqui reside o desafio inserido

nesse convite à leitura da obra de Hans Vaihinger, que é utilizar da ficção para a compreensão do real, para possibilitar a existência da realidade posta.

II – A CONTEXTUALIZAÇÃO DAS FONTES DA FILOSOFIA DO *COMO SE*

Hans Johannes Vaihinger nasceu em 1852 na Alemanha. Teólogo e filósofo, aos 21 anos (1874) defende sua tese de doutorado sobre o tema “As teorias mais recentes da consciência” e inicia suas leituras sobre Kant, que lhe impressiona quando analisa o mundo da metafísica e por meio da teoria das antinomias, apresenta as contradições existentes no pensamento humano. Entre 1876 e 1878 publica suas primeiras pesquisas sobre Kant e em 1881 publica o primeiro volume de uma exegese minuciosa sobre a “Crítica da Razão Pura”.

Em 1896 idealiza a revista “Kant-Studien. Philosophische Zeitschrift (Estudos Kantianos. Revista filosófica)” e em 1898 começa os estudos sobre Nietzsche, sobre os quais publica um livro em 1902, “Nietzsche als philosoph”. Em 1904 cria a Kantstiftung (Fundação Kant) e a Kantgesellschaft (Sociedade Kant) e, em 1911 publica a obra “Philosophie des Als Ob”, a “A filosofia do como se”.

Os estudos de Hans Vaihinger que culminaram na *filosofia do como se* ocorreram em uma época muito conturbada, no final do século XXIX e início do século XX, período em que o mundo passava por profundas mudanças econômicas, políticas e sociais.

Durante a consolidação da unificação dos estados alemães sob o império dirigido pela Prússia, várias alianças foram firmadas por Bismarck tendo como pano de fundo a proteção da Alemanha de qualquer ameaça ou agressão exterior. Nesse período a Igreja Católica era considerada como uma ameaça à supremacia do estado alemão, de tal forma que muitas ordens religiosas foram suprimidas, em manifesta expressão da luta cultural instituída.

Após a unificação política, a Alemanha se consolida também na economia, instituindo uma moeda única, padronizando leis e fomentando o mercado interno, tornando-se uma potência econômica e militar. Contudo, a Alemanha, ao contrário das demais potências europeias, não tinha colônias, o que implicou no envolvimento em guerras na busca por territórios.

Em paralelo a população alemã migrava do campo para as cidades, empregando-se a mão de obra como assalariada e contribuindo para a ampliação do mercado interno consumidor. Muitos fatores fazem com que se processasse uma tardia Revolução Industrial.

Em 1882, ainda sob o comando de Otto Von Bismarck, a Alemanha se alia à Áustria e à Itália e formam a Tríplice Aliança, acordo político que tinha por objetivo garantir o apoio mútuo das nações aderentes na hipótese de ataque de outras nações, principalmente a França, a qualquer das partes. O objetivo principal da formação da Tríplice Aliança era a construção de uma barreira político-militar que propiciasse o isolamento da França na Europa Ocidental.

O império alemão, em 1888 passa a ser governado por Guilherme II da Prússia, que por querer governar de forma pessoal, sem a interferência de qualquer chanceler ativo, destituiu Bismarck em 1890.

O governo de Guilherme II era guiado não por estratégias políticas, mas sim pela ambição pessoal do imperador. Como relata TENBROCK, em tradução livre:

Em sua ambição em ser reconhecido pelas massas como “O imperador do povo”, seus discursos tendiam mais às questões populares do que à responsabilidade política. Sempre que retornava de uma viagem aparecia em público, com a intenção de causar a impressão de ser um monarca escolhido por Deus. Por isso, era facilmente cercado de bajuladores. Aqueles que estavam de acordo com seu ponto de vista, contava com sua confiança; e aqueles que ao contrário, manifestavam uma atitude crítica, caíam em desgraça. (TENBROCK, 1968:237)

Guilherme II estava diante de uma Alemanha com muitos problemas sociais e vislumbrou que era necessária a ampliação da legislação social. Foram criados os Tribunais Trabalhistas para a conciliação de questões entre empregadores e empregados. Houve uma reforma legislativa em relação às Leis de Seguridade Social (Seguro Doença e Seguro de Acidentes de Trabalho).

As reivindicações dos sindicatos e do Partido Social Democrata, que voltou às atividades em 1890, após a revogação de uma lei que restringia os direitos dos socialistas, foram atendidas e maiores garantias foram conferidas ao trabalho aos domingos, ao trabalho da mulher e do menor, observando-se o risco à saúde desses trabalhadores.

Houve um incremento da indústria, durante o governo de Guilherme II, sendo implementada uma política econômica, através da assinatura de tratados comerciais, que possibilitaram além do fomento à indústria alemã, a melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores.

Contudo, as fronteiras alemãs teriam que ser abertas e o governo teria que renunciar a parcela da política de proteção aduaneira, em especial àquela que se relacionava à agricultura, a chamada política do “pão barato”.

Os agricultores alemães, em especial os do Leste, se opuseram a essa política econômica e formaram a “Liga dos Agricultores”, capitaneada pelo Partido Conservador. E o intento alemão em ser incluído entre os países de livre comércio não foi alcançado.

Assim, apesar das modificações que melhoraram a legislação social e da política populista de Guilherme II, o clima político com os trabalhadores começou a deteriorar, isso porque o ideário marxista da necessidade de uma revolução e da queda do sistema capitalista estava inserido entre os trabalhadores, muito mais do que nos demais Estados europeus.

A deterioração do clima político com os trabalhadores decorreu também da posição assumida por Guilherme II em relação aos membros do Partido Social Democrata, em especial com a proclamação em 1894, da luta pela “religião, moral e ordem”.

A luta pela “religião, moral e ordem” foi tentada em face dos partidos revolucionários, em especial aos social democratas, os quais eram referidos por Guilherme II como “companheiros sem pátria”.

Com a manifesta intenção de conter os social democratas, na luta por uma ordem social mais justa e uma democracia plena da vida pública, o *Kaiser* tentou limitar os direitos constitucionais dos membros do partido, contudo foi impedido pelos membros da direita governamental.

O ideal de democracia estava presente em todos os partidos alemães, fazendo com que as intenções de Guilherme II não fossem postas em prática e que se reconhecesse a importância de uma reforma constitucional como medida prévia para uma reforma social profunda.

No contexto desse estado germânico, consolidado por Otto von Bismarck e governado desde 1888 por Guilherme II, e em plena discussão sobre os ideais democrático, é que Hans Vaihinger se furtava da teoria ficcional para a compreensão de sua realidade.

É importante ressaltar que Hans Vaihinger viveu a transição da Alemanha Czarista para o capitalismo, o que implica no dismantelamento das instituições sociais seculares em prol da industrialização e da formação das classes sociais, característica do sistema capitalista. A migração do campo para as cidades, recessão e reorganização das estruturas sociais são

consequências marcantes do novo sistema. A teoria ficcional tem características marcantes desse processo de transição.

Hans Vaihinger assim como os autores contemporâneos pensam e escrevem sobre o tempo vivido. Tempo de transformação e instabilidade. Não podemos esquecer que o início do século XX há o prenúncio das duas grandes guerras mundiais e a consolidação do pensamento nazista na Alemanha, ainda na primeira década do século.

III – A TEORIA FICCIONAL DO *COMO SE*

Na Alemanha ávida por respostas, que precisava lidar com a perda de legitimidade de convicções e valores, Vaihinger traz uma teoria ficcional, considerada como o primeiro estudo sistemático da ficção na cultura alemã.

Com efeito, a obra é dividida em capítulos que objetivam possibilitar ao leitor um profundo estudo sobre a teoria da ficção, a identificação da construção das formas fictícias, enumerando-as e ordenando-as, demonstrando sua história, a lógica de seu processamento, sua aplicação nas diversas áreas do conhecimento.

O estudo de Vaihinger estimula calorosos debates sobre uma hipótese filosófica, a ficção, pois afirma que a ficção é um modo necessário de operação do pensamento humano.

O pensamento humano é o ponto de partida para a análise da realidade posta e a ficção é utilizada como um artifício para que se concretize algo que sem ela não poderia ser concretizado na prática. É o pensamento o elemento propulsor da obra de Vaihinger e está amplamente debatido nos capítulos I a IV da obra.

Vaihinger observa que a ficção é uma formação psíquica, fruto da atividade fictícia da função lógica:

Como atividade fictícia no interior do pensamento lógico, há de se entender a produção e o emprego de métodos lógicos que procuram alcançar as finalidades do pensamento mediante conceitos auxiliares; nestes está inscrita, mais ou menos a olhos vistos, a impossibilidade de terem um objeto concreto que lhes corresponda de alguma maneira. Em vez de se dar por satisfeita com o material dado, a função lógica introduz formações híbridas e ambíguas do pensamento(...) Aqui é oportuno ainda observar: com a sua prudência instintiva e conforma a uma finalidade, a função lógica é capaz de realizar a atividade fictícia desde os começos mais inocentes e insignificantes, passando por voltas e mais voltas cada vez mais finas e inteligentes até chegar aos métodos difíceis e complexos. (VAIHINGER, 2011: 123/124)

A ficção é uma forma de pressuposição teórica que muitas vezes é confundida com a hipótese e Vaihinger se dispõe à essa diferenciação durante o Capítulo XXI, esclarecendo que a distinção entre esses pressupostos observando que a ficção se justifica por seus efeitos, tendo consciência de ser apenas uma representação auxiliar, sem correspondência com o real, enquanto a hipótese visa a correspondência com as reais relações das coisas.

A ficção por servir como uma operação do pensamento não pretende fazer descobertas, obter resultados, ao contrário seleciona parte do material dado as sensações, misturando o que é dado de forma imediata com adições subjetivas.

As características gerais da ficção são identificadas por Vaihinger da seguinte forma: a) descompromisso com o real; b) aplicação provisória; c) consciência ficcional; d) conformidade a fins.

O descompromisso com o real é destacado como sendo um desvio arbitrário da realidade que se mostra tanto na forma em que são apresentados os conceitos e juízos, quanto nas conclusões resultantes desses conceitos.

Essa primeira característica é idêntica ao sistema de violência contido em tal pressuposição. Pois o marco das ficções não é unicamente a arbitrariedade das pressuposições, mas ainda a violência destas. Aqui, é coagida não apenas a realidade, mas (no caso das ficções propriamente ditas) também o pensamento em si. À arbitrariedade das operações do pensamento corresponde a violência que ele exerce sobre a realidade e sobre a lei lógica da contradição. (VAIHINGER, 2011: 250).

A segunda característica da ficção é aplicação provisória, isso porque os conceitos contraditórios existem apenas para serem eliminados, os conceitos desaparecem nas operações da lógica.

Claro está que a ficção, caso haja contradições com o real, só pode ter valor se for empregada provisoriamente até o momento em que as experiências são enriquecidas, ou os métodos do pensamento são de tal monta afinados que esses métodos provisórios se deixam substituir por métodos definitivos. (VAIHINGER, 2011: 251).

A consciência ficcional, que é a terceira característica delineada por Vaihinger, é facilmente identificada em qualquer ficção, pois tanto o emissor, quanto o receptor da mensagem não possuem qualquer dúvida de que aquele determinado ente não o é, mas deve ser tratado *como se fosse*.

A terceira característica básica de uma ficção normal é a consciência expressamente formulada de ser ficção, pois uma ficção implica a consciência de sua natureza fictícia sem pretensão alguma à factualidade. (VAIHINGER, 2011: 251).

A quarta característica básica da ficção, exposta por Vaihinger, é a conformidade a fins, ou seja, a expressa relação à determinada finalidade. O objetivo final é claro na preposição ficcional científica, é a “passagem do subjetivismo puro de um Kant para o positivismo moderno” (VAIHINGER, 2011:252).

Outra característica essencial das ficções, isto é, das ficções científicas, é ser *meio* para determinadas finalidades, em outras palavras, é a sua conformidade a fins.... Para nós, o essencial da ficção não é que ela seja, conforme alguns acreditam, uma “hipótese insegura”, desvio consciente da realidade, pura imaginação – por nossa parte, ressaltamos a conformidade a fins de desvio. (VAIHINGER, 2011: 252)

Podemos então, pensar a teoria ficcional de Hans Vaihinger como representação do real, mesmo que o real não tenha a representação dos fatos da realidade.

A teoria de Hans Vaihinger pode ser interpretada como a leitura de uma obra de arte. O artista expõe a realidade por meio de seu olhar, que pode ser a realidade, mas pode ser também uma outra realidade, conforme o olhar atento do observador. Assim, a filosofia de Hans Vaihinger leva o leitor a ver a realidade para além das interpretações comuns do período histórico. A ficção do como se remete a enxergar a dura realidade alemã como se fosse a realidade inventada conforme as necessidades de cada interprete.

No mesmo período a Alemanha apresenta outras teorias de importância histórica. Karl Marx (1818-1883) e Max Weber (1864-1920) propõem a reflexão ao sistema capitalista, longe das ideias ficcionais de Hans Vaihinger. A determinação das análises dos colegas contemporâneos corrobora para a construção da teoria ficcional, na medida inversa que se estabelece nos debates filosóficos formas de interpretação do sistema capitalista, como o fim de compreendê-lo.

Diferentemente das concepções estabelecidas pelos filósofos contemporâneos preocupados com as ações do tempo capitalista, na mesma monta que as preocupações dos positivistas franceses (Émile Durkheim 1858-1917). *Como se*, pretende questionar a realidade, utilizando o pensamento filosófico na sua proposta primeira: que realidade?

III – A PARTÍCULA “COMO SE” E AS FONTES DA SUA FILOSOFIA

A teoria ficcional do *como se* que iluminou o estudo da filosofia no início do Século XX na Alemanha e que influenciou pensadores dos diversos ramos da filosofia e das artes, teve em seu fundamento um caráter de inquietação interdisciplinar, posto que Vaihinger buscou nas diversas áreas do saber, bases de apoio para a construção de sua filosofia.

Em razão de sua formação teológica Vaihinger sofreu a influência dos clássicos da filosofia: Friedrich Albet Lange, com as leituras sobre o ajustamento ético dos dogmas religiosos. Schmid lhe inspirou nos estudos gramaticais e sintáticos. Decartes e Leibniz, lhe trouxeram aspectos condicionais da geometria analítica que utilizavam da partícula *como se* em seus estudos. Schopenhauer lhe trouxe a ideia de vontade como prova de limites e dependência da razão. De Herder e Darwin a construção da contextualização da evolução das civilizações e da própria espécie. Schiller, através de seus poemas, lhe proporcionou o reconhecimento da expressão *como se* como norteadora da atividade estética e intuitiva.

Contudo, as influências teóricas de Vaihinger na concepção da filosofia do *como se* tiveram sua principal fonte nos textos de Nietzsche e sobretudo de Kant, em razão do reconhecimento da limitação do pensamento humano.

Kant, sem dúvida foi a maior influência na obra de Vaihinger, notadamente quando se observam os anos dedicados aos institutos criados por Vaihinger especificamente para os estudos da obra Kantiana. O conceito preconizado por Kant de que a ação e a prática devem ser tomadas de primeiro plano, que é a supremacia da razão prática, foi o grande propulsor do pensamento vaihingeriano.

A análise de Vaihinger sobre a “Crítica da Razão Pura” denota a real importância de Kant, na formação de seu pensamento filosófico:

Na *Crítica da Razão Pura* (1781) a nova teoria de Kant se apresenta repentinamente com a impetuosidade e pureza de uma nascente de montanhas altas, nomeadamente em uma parte dessa obra imortal que se intitula “Dialética transcendental”. Na “Estética transcendental” e na “Analítica Transcendental”, pode-se caso se queira, descobrir algo assim como uma teoria da ficção ou formular uma interpretação nesse sentido. (VAIHINGER, 2011: 502)

Na leitura de Vaihinger, Kant ao tratar da ficção da liberdade da alma e da ideia de Deus, destaca a utilização da partícula *como se*:

(...) Kant fala de nosso objetivo ético da vida; o nosso empenho moral, “embora sempre se dirija apenas a objetos da experiência, toma seus princípios de algo mais elevado, determinando a conduta *como se* o nosso destino entendesse infinitamente além da experiência, portanto além desta vida” O que se diz da ideia de Deis é *mutatis mutandis* aplicado à ideia da alma. Por exemplo, em A 671, B 699: de acordo com a ideia psicológica, “queremos enlaçar todos os fenômenos, todas as ações e toda a receptividade de nossa mente pelo fio condutor da experiência interna *como se* fosse uma substância simples, com uma identidade pessoal e permanente. (VAIHINGER, 2011:507)

Na sua obra Vaihinger analisa os “Prolegomena”, continuando a discussão da teoria ficcional do *como se* em Kant, e observa que essa obra, ao contrário da “Crítica da Razão Pura”, foi direcionada para principiantes e como uma introdução ao estudo da filosofia crítica, mas que ao tratar do antropomorfismo simbólico é esclarecedora em relação à teoria ficcional kantiana:

No §58, diz Kant: A expressão adequada a nossos conceitos frágeis seria a de que nós pensamos o mundo *como se* a sua existência e determinação interna descendessem de uma razão suprema [...] Se digo que somos forçados a considerar o mundo *como se* fosse a obra de um supremo entendimento e de uma suprema vontade, realmente não digo outra coisa do que: assim *como se* comporta um relógio, um navio, um regimento e relação ao relojoeiro, ao construtor, ao comandante, assim o mundo dos sentidos [...] em relação ao desconhecido, o qual, pois, eu não reconheço como o que é em si [...] mas certamente como o que é para mim.” Do mesmo modo, “chamamos” em relação ao “desconhecido em Deus” com a humanidade de ‘amor’ (segundo a analogia de um pai humano). Então, este “antropomorfismo simbólico” apenas diz respeito à linguagem, e, portanto, uma *façon de parler*, para empregar uma expressão leibniziana. *Falamos* simplesmente *como se* assim fosse – ainda vamos conhecer as consequências abrangentes desta teoria. (VAIHINGER, 2011: 527/528)

A teoria ficcional vaihingeriana do *como se* tem em Kant seu principal sua principal influência, tanto o é que Vaihinger traz o emprego da proposição *como se* tanto nas principais obras críticas (“Crítica da Razão Pura”, “Prolegomena”), quanto nos escritos “menores” dos anos oitenta (“Primeiros princípios metafísicos da natureza”, “Primeiros princípios metafísicos da dinâmica”, “Observação geral sobre a fenomenologia”, “Ideia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita”, “Conjeturas sobre o começo da história da humanidade”, “Ideias

acerca da filosofia da história da humanidade”, “Esboço para uma orientação para a teoria da moral”).

E continua a confirmar a teoria ficcional do *como se* nas demais obras de Kant no período crítico como na “Crítica da faculdade do juízo”, em que demonstra o uso a partícula *como se* como inequívoca ficção no juízo estético:

Criamos outra ficção no juízo estético: falamos “do belo *como se* beleza fosse uma qualidade do objeto e o juízo fosse lógico [...], conquanto ele seja somente estético e contenha simplesmente uma referência de representação do objeto ao sujeito (§6) (B18); (VAIHINGER, 2011: 557)

Vaihinger, em outra perspectiva deixa expressamente grafado que selecionou e discutiu apenas as passagens favoráveis à sua teoria ficcional, reconhecendo que em Kant há passagens que levam a conclusões diametralmente opostas. Contudo observa que é a própria grandeza de Kant que comporta tantas leituras sobre sua obra.

O desenvolvimento de Kant e todo o ambiente em que viveu explicam por que nele (e em muitos grandes homens como Lutero, Bismark) existem duas vertentes, uma tentativa crítica e outra dogmática, uma tendência revolucionária e outra conservadora. As duas almas de Kant às vezes estão em litígio uma com a outra, e há muitas passagens em Kant onde ele abrandava seu ponto de vista crítico. (VAIHINGER, 2011: 526)

Hans Vaihinger tinha um especial interesse pela construção sintática e pela análise das conjunções gramaticais, que foi fomentada pelas aulas do Professor K.A. Schmid, professor do Seminário Teológico pertencente à Universidade de Tubingem, voltadas ao estudo do latim e suas derivações sintáticas.

No capítulo XXIII, Vaihinger propõe a análise gramatical da partícula *como se*, e foram as lições de Schmid que lhe proporcionaram perceber que na formação gramatical da partícula *como se* havia uma significância lógica. A utilização da partícula “como se” – *als ob* - se verifica como um meio linguístico que proporciona a associação de ideias, que propõe a identidade de elementos não idênticos.

A identidade de elementos não idênticos se relaciona à pressuposição do impossível, mas não da forma que se verifica na oração condicional, na qual se deduz conclusões da irrealidade ou do impossível.

Na partícula “*como se*”, o *como*, está o momento comparativo, e, no *se*, encontra-se a pressuposição do impossível.

Ora, o que então se encontra no *como se*? Aí deve existir algo mais além da irrealidade e impossibilidade da pressuposição estabelecida, tal qual contida na oração condicional. A partícula implica nitidamente na decisão de manter, *apesar de* tais dificuldades, *formalmente* a pressuposição. Pois entre o *como* e o *se*, *wie e wenn*, *als e ob*, *comme e si*, *as e if*, o *qua-si*, há toda uma sentença subentendida. O que, portanto, significa que a matéria deve ser contemplada *como se* consistisse em átomos? Isto não pode significar outra coisa senão que a matéria empiricamente deve ser contemplada *como* ela haveria de ser tratada *se* consistisse em átomos. Ou: a curva deve ser tratada *como* ela teria de ser tratada *se* consistisse em infinitesimais. Ou, as relações sociais devem ser contempladas *como* teriam de ser contempladas *se* o egoísmo fosse o único estímulo das ações humanas. Com isto, expressa-se claramente a *necessidade* (ou *possibilidade* ou *realidade*) de uma *subsunção* em uma *preposição impossível* ou *irreal*. (VAIHINGER, 2011: 242/243)

Apesar da semelhança linguística entre a ficção *como se*, e as figuras do erro e da hipótese, certo é que a condicional e a preposição do impossível contida na ficção *como se*, não são encontradas naquelas partículas.

No erro há a negativa da expressão, não se pretende tratar a situação posta *como* ela haveria de ser tratada *se* fosse real de fato. Na hipótese, tem-se uma utilização mais abrangente da preposição do impossível como uma conclusão lógica, o que não ocorre com a ficção.

Em relação à distinção existente entre a hipótese e a ficção, vale ressaltar o entendimento apostado pelo tradutor da obra máxima de Hans Vaihinger, para a língua portuguesa. Assim pronuncia Johannes Kretschmer, na apresentação da obra:

Enquanto a hipótese pretende fazer descobertas, a ficção opera em direção oposta, pois seleciona parte do material dado das sensações, misturando o que é dado de forma imediata com adições subjetivas. A consciência cria ficções que ajudam a entender os mecanismos do conhecimento, vale dizer, ela produz conhecimento, por um lado, e indaga, por outro, sobre tal processo. (VAIHINGER, 2011: 50)

Com relação à distinção entre a ficção e a hipótese, é esclarecedora a consideração apostada por Hans Kelsen, filósofo do direito, que em sua última fase de pensamento, no livro póstumo *Teoria geral das normas*, trata a Norma Hipotética Fundamental, como um ato de

vontade fictício e não real, sustenta que na ficção há a consciência de que a realidade não se confirma, o que não é observada na hipótese:

A norma fundamental de uma ordem jurídica ou moral positivas[...] não é positiva, mas meramente pensada, e isto significa uma norma fictícia, não o sentido de um real de vontade, mas sim de um ato meramente pensado. Como tal, ela é uma pura ou “verdadeira” ficção no sentido da vaihingeriana Filosofia do Como-se, que é caracterizada pelo fato de que ela não somente contradiz a realidade, como também contraditória em si mesma. [...] É de se observar que a norma fundamental, no sentido da vaihingeriana Filosofia do Como-se não é hipótese – como eu mesmo, acidentalmente, a qualifiquei -, e sim uma ficção que se distingue de uma hipótese pelo de que ela é acompanhada pela consciência, ou então, deve ser acompanhada, porque a ela não corresponde a realidade. (KELSEN, 2011: 328)

A própria reflexão de Hans Vaihinger sobre as obras filosóficas é análise de sua teoria. Ao mesmo tempo que estrutura parte de seu pensamento na leitura de Kant, interpreta o autor não em sua totalidade, mas na relação direta com a realidade estabelecida. *Como-se* Kant, com toda sua rigidez pudesse um instante também pensar a realidade como ficção.

V – CONCLUSÃO

A construção da Filosofia do *como se* ocorre no contexto de um país recém unificado, governado por um imperador populista, Guilherme II, sendo absolutamente necessário lidar com a perda de legitimidade de convicções e valores.

Hans Vaihinger traz uma teoria ficcional, considerada como o primeiro estudo sistemático da ficção na cultura alemã. Essa estruturação é clara desde a leitura do sumário da obra *A filosofia do como se*.

A teoria ficcional de Vaihinger, estabelecida na “*Filosofia do como se*”, se revela como técnica de pensar e de agir, instrumento indispensável da autopreservação humana e está presente nas diversas áreas do conhecimento, da medicina às ciências sociais aplicadas.

No campo da Filosofia do Direito, a teoria ficcional de Hans Vaihinger encontra respaldo no pensamento de Kant, que em diversas obras utilizou da proposição *como se*, para buscar respostas à questões complexas e que tangiam ao impossível – a questão da alma, de Deus e mesmo a discussão sobre o direito de posse – e também na visão de Kelsen, reformulada na obra póstuma *Teoria Geral das Normas*.

A aproximação de Hans Vaihinger da estrutura linguística, conversando com a sintaxe, faz com que se observe que a linguagem é um elemento imprescindível para a compreensão da estrutura filosófica vaihingeriana. Analisando a proposição “*como se*”, denota-se o momento comparativo estabelecido pelo *como* e a pressuposição do impossível claramente exposta no “*se*”.

Vaihinger afirma que a ficção difere da hipótese porque a primeira está acompanhada de uma advertência de que a realidade não se confirma, ou seja, há a consciência clara e inequívoca de que o consequente da partícula *como se* não é real e que por servir como uma operação do pensamento não tem a pretensão de alcançar a realidade, mas sim um fim.

Na filosofia do *como se*, Hans Vaihinger faz um intenso estudo sobre as ficções zetéticas e jurídicas, identificando quatro características básicas: o descompromisso com a realidade, a aplicabilidade em caráter provisório, a consciência de que a realidade é impossível, e a manifesta intenção de utilizar da ficção para alcançar um objetivo específico e conhecido.

A filosofia do *como se* estabelece a utilização de ficções, artifícios para a solução dos conflitos, utilizando-se dos mecanismos produzidos pelo próprio pensamento e pelas ficções por ele criadas para a obtenção da finalidade, seja uma questão de ordem jurídica, de cunho social ou simplesmente de paz interior.

Na alusão à letra da música “Cidade como se” de Leo Strauss, aposta pelo tradutor da obra Johannes Kretschmer, ao final da apresentação da tradução da “Filosofia do *Como se*”, e reiterando o convite à leitura desse intenso estudo filosófico, transcreve-se, ainda que parcialmente, a letra da música “Construção” de Chico Buarque de Holanda, *como se* tivesse o artista bebido da fonte.

(...) Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um
príncipe

Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego.

Se a realidade pode ser construída pela ficção, é possível concordar com Hans Vaihinger *como se* num sistema de poucas oportunidades a opção pela realidade ficcional possa ser de fato a única condição de sobrevivência intelectual. Hans Vaihinger viveu numa Alemanha pré-guerra, na transição para o capitalismo tardio, país que eclodiu o nazismo, cenário propício para o desenvolvimento de uma teoria que proporcionaria uma reflexão filosófica possível, *como se* fosse possível viver.

Referências Bibliográficas

- DURKHEIM, Émile. *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FERRAZ JR., Tercio Sampaio. *Estudos de filosofia do direito*. São Paulo: Atlas, 2002.
- _____. *Introdução ao estudo do direito*. - 6ª ed. - São Paulo: Atlas, 2012.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Os pensadores-Kant, São Paulo: Nova Cultural, 1997
- KELSEN, Hans. *Teoria Geral das Normas*. Porto Alegre: Sergio Fabris, 1986.
- _____. *Teoria Pura do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Autobiografia de Hans Kelsen*. Tradução Gabriel Nogueira Dias e José Ignácio Coelho Mendes Neto. -4 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- MARX, Karl. *Coleção os pensadores*. São Paulo: Abril, 1978.
- MASCARO, Alysson Leandro. *Filosofia do Direito*. – 2 ed. – São Paulo: Atlas, 2012.
- SILVA, Francisco de Assis e. *Ficções jurídicas em Hans Vaihinger*. São Paulo: Instituto Kora, 2012.
- TENBROCK, Robert-Hermann. *Historia de Alemania*; traducido del alemán por Francisco Eguiagaray Bohigas. Alemania: Paderborn, 1968.

VAIHINGER, Hans. *A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista*; tradução de Johannes Kretschmer. Chapecó:Argos,2011.

WEBER, Max. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2009.